

UFMG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Abneia Esteves Trindade Pereira

CORPO E IMATERIAL

A R T E S V I S U A I S

H a b i l i t a ç ã o e m P i n t u r a

Orientadora: Christiana Quady

Co-Orientadora: Rosvita Kolbe Bernardes

Belo Horizonte - 2019/1



AGRADECIMENTOS:

Primeiramente agradeço a Deus pela sua Infinita Misericórdia.

À minha mãe Adelita pela fé e pela generosidade

Ao meu marido William, meus filhos:

Cristhiano, Mariana, Clara, Gabriela e João Francisco e todos os meus familiares pelo apoio.

À minha orientadora Christiana Quady, pela sensibilidade, tão aguçada e aflorada; uma empatia, capaz de perceber no meu trabalho os sentimentos, a vibração; de forma intuitiva.

À minha coorientadora Rosvita Kolbe Bernandes pela motivação e por manifestar altas expectativas em relação às minhas possibilidades de empenho.

Ao meu amigo espiritual Antonio Carlos Santini pela revisão do meu trabalho.

INTRODUÇÃO

Mas que arte é essa que proponho? Que relações existem entre essa arte e o contexto filosófico e social? No meu estudo, projeto algumas questões com uma consciência muito clara de um acontecimento, que ao encontrá-lo, constato respostas que possam confirmar a minha descoberta, através de pesquisas de artistas e filósofos.

Com o intuito de falar de um ser humano que possui corpo e alma, originou-se uma pintura, nesse processo, em que busco apresentar os fundamentos para uma arte nova. Neste acontecimento encontro a arte abstrata ou a possibilidade de uma arte não figurativa a qual defende que a representação sempre privilegia a essência.

Por meio da dança, o corpo e suas emoções se sobressaltaram, incutindo assim um dilema. Desse modo, procurei ampliar e, ao mesmo tempo, esmiuçar alguns temas, como: superações, dores, cicatrizes e lutas.

Olhando para a dor do ser humano, encontro o imaterial, o abstrato; encontro o Novo que não é novo, o Conhecido, tão desconhecido e que, diante disto, uma exigência que o imaterial apresentou a mim e que coloca também para o contemplador: *precisa de se despojar, renunciar a si, para poder ver, ou mais corretamente, ver-se*. Aprofundar-me na Forma/Corpo, Cores/Entranas e Abstração/Espiritualidade, foi uma grande descoberta na arte e na minha Pessoa.

Segundo Wassily Kandinsky, que compara o momento espiritual da sociedade a uma pirâmide, a base representa o que há de mais material e o ápice, o que há de mais espiritual. A base avança lentamente na direção de seu ápice, isto é, tornando-se mais e mais despojada de sentimentos mesquinhos e do materialismo, alcançando com muito esforço o que o ápice da pirâmide vivencia.

CORPO

“É falar da pele na sua nudez, essa obscura fronteira, e de tudo o que esta irradia; da possibilidade de erguer um retrato de uma subjetividade; dos olhos que nos fitam através da tela. Lucian Freud é um *artista - talhante* que abre o corpo humano para nos revelar que dentro dele existe, afinal, uma alma, e que esta é representável”.

(MARQUILHA, 2012)

Por meio da pintura procuro criar uma relação da forma enquanto corpo, e as cores enquanto interioridade. Assim, a linguagem do meu trabalho se constitui de possíveis confrontos entre corpo e alma e o que há de mais profundo no ser humano, a espiritualidade.

Observei que, no decorrer da minha pintura, repetidamente, representava o *corpo humano*, havia um interesse por entender, compreender e conhecer o *corpo*.

Tive a alegria de assistir a uma apresentação da Companhia Mineira de Dança *Grupo Corpo*¹, despertando o desejo de pintar tamanha expressividade.

Nas minhas lembranças de infância, a dança ocupa um lugar muito importante, já que desde pequena gostava muito de participar de apresentações na escola, com os meus primos e a vizinhança. Os jogos, o teatro e uma vida de relação alegre e ativa me permitiram ativar as intuições e também deixar que a minha imaginação fluísse.

Sempre que surge alguma dúvida com relação ao que estou pintando, fico atenta ao que minha intuição me orienta. Na pintura percebo a mesma alegria em dançar, um sentimento de liberdade.

1. Grupo Corpo é uma companhia de dança contemporânea brasileira de renome internacional criada em 1975, em Belo Horizonte, Minas Gerais.



Grupo Corpo,

Fig. 1. Onqotô (2005)



Abneia Esteves

Fig. 2. Esboço. Lápis Conté s /papel (2015)

Falar sobre o início do meu processo na pintura é emocionante e ao mesmo tempo de muita inquietação. Para atingir o propósito é necessário obter determinação diante de muitos momentos custosos. A fotografia da Fig. 1, logo que a vi, criou em mim o desejo de transformá-la em pintura. Essa busca fez com que encontrasse nas cores aquilo que sugere algo.

É interessante observar a Fig. 2, uma imagem feita com papel Kraft que, colocado no chão, parece uma brincadeira. Com meus pés e Lápis Conté surge diversos desenhos de pés. O intuito do esboço é de separar alguns pés para que pudessem servir de símbolos como forma de comunicar uma mensagem.

Palavra no momento de criação 2015: Superação

Minha professora de pintura *Christiana Quady*², ao ver meu trabalho relacionado à dança, orientou-me a elaborar uma série dessas pinturas. Assim, procurei fazer da pintura a linguagem através da qual eu pudesse construir uma comunicação com o mundo.

Por meio da pesquisa tive a oportunidade de buscar uma orientação sobre o plano de fundo, sobre os símbolos, sobre as cores e sobre a composição. Separo o desenho da imagem que amplio no painel de tamanho bem maior ao da fotografia, seleciono as tintas e no mesmo instante surge uma inquietação em pintar cada parte do painel. Ao começar, senti muita dificuldade em discernir o que era possível. Sabia que a minha segurança estava no meu lado criativo e em não me deixar levar pelos limites. Entregar às possibilidades e não olhar para os erros. Nesse momento, o que salva é a coragem.

2. *Christiana Quady*, artista plástica, Professora Adjunta de Pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (desde 2008).



Abneia Esteves
Fig. 3. Colagem (2015)



Abneia Esteves

Fig. 4. Esboço. Guache s/ Papel (2015)



Abneia Esteves

Fig. 5. Esboço. Aquarela (2015)

Ao elaborar cada pintura, construo o fundo e desconstruo a forma, busco não perder a ideia inicial. É um desafio escolher as cores do fundo e da figura para que formem uma composição. A Fig. 3, na página anterior, é o resultado da seleção de imagens de logotipos transformadas em colagem, feita para o fundo de uma pintura.

No meu trabalho, a dança se apresenta como conteúdo poético, em parceria com as propriedades pictóricas.

A Fig. 4 e Fig. 5 são esboços nos quais estudo os elementos da linguagem plástica: linha, cor e valor, e suas correlações. Estudo a forma, sobrepondo o fundo. Meu olhar se fixa nos corpos musculosos em movimento e que a todo tempo criam uma composição.

Palavra no momento de criação 2015: Luta

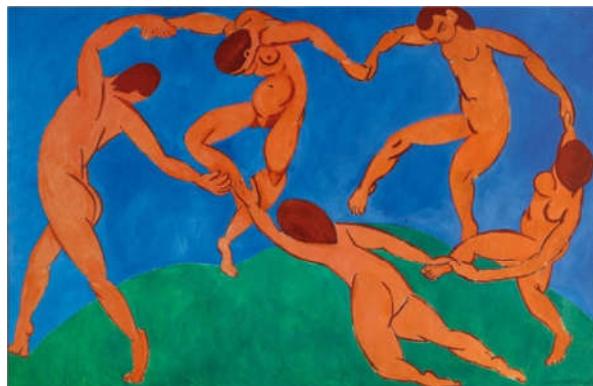
A pintura de Henri Matisse, “A Dança”³, é identificada pelo modo como os bailarinos parecem *livres* e são representados com a mesma cor, o que dá, a meu ver, um sentido de *igualdade*.

Um mesmo olhar para o corpo e sua essência, e o que nos torna únicos e ao mesmo tempo iguais aos outros, independente de raça, classe social ou gênero.

Na profundidade da essência somos iguais, e as mãos dadas das bailarinas em forma de círculo constatam isso.

O *movimento* nos convida a dançar, salientando uma energia dos bailarinos. Henri Matisse utiliza apenas *três* tipos de cores em toda a obra e as formas são simplificadas e ocupam toda a tela.

3. Em “A Dança” de Matisse. A ideia da pintura surgiu por volta de 1905, quando o pintor observava alguns pescadores em uma dança de roda na praia do sul da França.



Henri Matisse

Fig. 6. A Dança. Óleo s/tela (1909) 260 x 389 cm

Palavra no momento de criação: Pesquisa

Segundo *Pierre Weil*⁴, “o corpo é um centro de informações”. É uma linguagem para nós mesmos. Nosso corpo *fala* através de nossos gestos e movimentos e se expressa por meio dos sentimentos elementares, como o medo, a tristeza, a alegria, a prisão e a liberdade.

Pesquiso sobre o corpo que fala através dos gestos. Assim, observo a comunicação não verbal do corpo humano. Por isso, busco analisar os princípios que o regem, de modos inovadores, expressando sentimentos ou posicionamentos internos. É uma inovação que acontece à medida do meu percurso, gradativamente.

Mesmo sem saber onde irei chegar, acontece um aprendizado constante.

Palavras do momento de criação:
Angústia, Medo, Tristeza, Recolhimento, Confusão

4. Pierre Weil foi conhecido educador e psicólogo francês residente no Brasil. É autor de cerca de 40 livros, dentre eles o livro *O Corpo fala* (2014).



Abneia Esteves

Fig.7 .Rascunho. Lápis Conté s/Papel (2014)

Durante um período, participei de um trabalho onde prestava assistência a pessoas em situação de rua, com objetivo de ajudá-los a voltar para suas casas, arrumarem empregos e deixarem as drogas. Sei a importância de cada um, mesmo sujos e maltrapilhos, sozinhos e sem esperanças. Nas ruas se encontra todo tipo de pessoa, e ao ver essa criança eu quis desenhá-la.



Candido Portinari

Fig. 8. Criança Morta. Óleo s/ tela (1944) 176 x 190 cm

5. Candido Portinari foi um artista plástico brasileiro que expressou os dramas do povo brasileiro, e retratou com a sua forma chocante de ver, o que ocasionou forte repercussão na época.

A comunicação corporal se dá também por meio de atos. Ao olhar a obra de Candido Portinari⁵, “A criança Morta”, o sofrimento de algumas pessoas, magras e tristes, é visível.

A imagem chama atenção para o centro dela, uma mãe angustiada inclinando seu corpo para frente, estendendo os braços com o seu filho morto.

Muitas vezes luto muito com o pincel e as cores com intenção de conseguir esse objetivo.

Kathe Kollwitz, em “Mulher com Criança Morta⁶”, com sua imagem poderosa e afetada demonstra uma mãe desesperada, inclinada para frente agarrando o filho morto.

Fico deslumbrada com tamanha expressividade nas obras da Kathe Kollwitz.

Conseguir expressar a essência pela expressividade contida em um corpo humano, me leva a externar num corpo, a sua emoção, independente de cultura, de cor e de gênero, como consequência de investigação.

Palavra do momento de criação: Expressividade

6. Parecia que a artista queria mostrar, através da imagem simbólica de uma mãe, que a sociedade deveria ser a mãe que agraga.



Kathe Kollwitz

Fig. 9. Mulher com Criança Morta,
Litogravura (1903) 1024 x 854 cm.



Abneia Esteves

Fig.10. Esboço Kathe Kollwitz. Xilogravura (2016)



Abneia Esteves

Fig.11. Esboço Kathe Kollwitz. Guache (2016)

No meu percurso nas Artes Visuais, optei pela habilitação “pintura”, buscando conciliar outras disciplinas com meu projeto na pintura. Sendo assim, na defesa de TCC, compartilho aqui por meio de textos e imagens, o processo do meu trabalho. Seleciono alguns esboços e os trabalhos de diversas disciplinas para que possam servir como entendimento do meu processo.



Abneia Esteves

Fig.12. Esboço Kathe Kollwitz. Conté (2014)

7. Georg Baselitz é um pintor, escultor e artista gráfico alemão. Na década de 1960, ele se tornou conhecido por suas pinturas expressivas e figurativas.

Georg Baselitz⁷, ao interromper qualquer ordem dada e quebrar as convenções de percepção, formou seus próprios princípios artísticos, e até hoje ele ainda inverte todas as suas pinturas, o que se tornou sua característica única e mais marcante em seu trabalho.



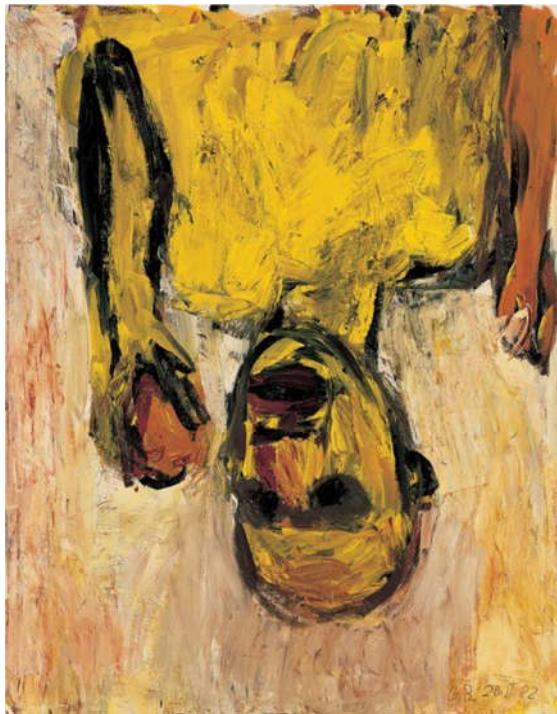
Abneia Esteves

Fig.13. Cerâmica (2017)

Palavra do momento de criação: Desestruturar

"Eu nasci em uma ordem destruída, uma paisagem destruída, um povo destruído, uma sociedade destruída. E eu não queria estabelecer uma ordem: eu tinha visto o suficiente para ligar para a ordem. Eu fui forçado a questionar tudo, ser ingênuo, começar de novo."

Georg Baselitz, da Wikipédia, a encyclopédia libre, Internet.



Georg Baselitz

Fig. 14. Orangenesser, (1982), 146 x 114 cm

Ao ver as imagens de Georg Baselitz de cabeça para baixo, quis pesquisar a respeito para ver se teria alguma relação com o meu trabalho.

Acredito que interesso em não restabelecer uma ordem e em desconstruir o corpo.

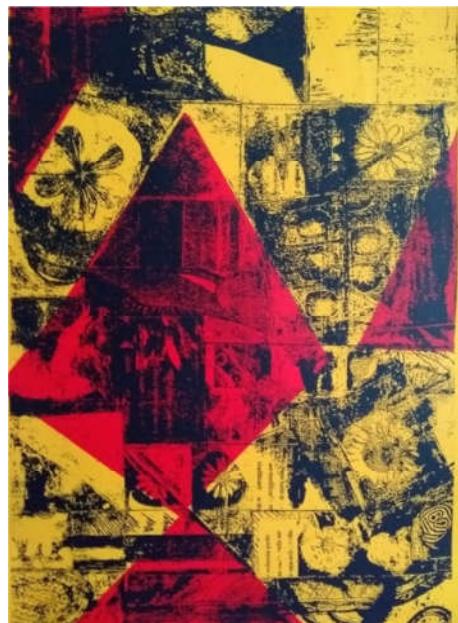
As minhas várias experiências com crianças em abrigos, com pessoas em condição de rua, com famílias destruídas por diversos motivos e com pessoas com uma doença terminal, levou-me a questionar: Qual a lógica diante da dor de tantas pessoas?

De uma coisa estou certa: elas precisam ser amadas. E na minha pintura, o corpo desconstruído surge por meio da dor.

"Começo com uma ideia, mas enquanto trabalho, a imagem assume o controle. Depois, há a luta entre a ideia que eu preconcebi e a imagem que luta por sua própria vida." (ARTNET, 2019, tradução nossa).

Nas primeiras pinturas, as cores eram determinantes para a realização do meu objetivo. O desejo de expressar algo era tão grande, que procurava o figurativo e outros elementos para fazer parte da composição. Trato a textura densa na minha pintura para que remeta o aspecto de uma superfície, ou seja, a pele de uma forma. As cores intensas com camadas de tinta espessas, falam da imagem que quero mostrar, mas também da minha subjetividade. Tinta a óleo junto à encáustica fria formam uma boa combinação. E fototransferência, lápis *conté* e deixar o desenho na pintura fazem parte da minha identidade.

A Fig. 14 é o resultado da disciplina de Serigrafia, enquanto pesquisava sobre as cores e as formas, o plano de fundo e o primeiro plano.



Abneia Esteves

Fig. 15. Pesquisa Serigrafia (2015)

Palavras do momento de criação: Intensidade, grito.



Lucian Freud

Fig 16. .Reflexão (1985) 1024x 768 cm

“O trabalho de Lucian Freud⁸ apresenta uma franqueza na representação da figura humana com todas as suas angústias, as suas cicatrizes, as suas perdições, o tempo que a consome e o seu peso carnal no mundo.” (MARQUILHA, 2012).

Depois de incessantemente buscar pintar um corpo que habita uma vida, aos poucos procuro fazer menos uso de tantos artifícios. Tinta a óleo e encáustica fria, no momento, eram suficientes. Percebi que o elemento principal não era mais o figurativo. O sentimento e a sensação passaram a ser a ideia central da pintura. Inquieta para entender e revelar o ser humano, conhecê-lo no seu interior e chegar ao que é de fato, crio um corpo com uma nova forma, às vezes desfigurado, fragmentado, desejando causar estranheza.

8. Pintor alemão nascido em 8 de dezembro de 1922, em Berlim. O seu pai, Ernst, era o filho mais novo de Sigmund Freud.



Abneia Esteves

Fig 17. Têmpera de Ovo (2015)

O corpo humano revela que dentro dele existe uma essência. Somente um olhar profundo é capaz de perceber o valor da cor da parte essencial do corpo, as entranhas.



Abneia Esteves

Fig.18. Autorretrato, Encáustica (2016)

Ao adentrar no interior do corpo e pintar partes dele, mostro meu interesse em conhecer a sua Interioridade. Represento aqui várias mulheres, são únicas e para identificá-las uso um tipo de técnica, formato e cores diferentes.



Abneia Esteves

Fig.19. Têmpera vinílica (2015).

Às vezes, na composição, um espaço vazio pode representar a essência. Há momentos em que não tenho clareza na pintura e prefiro seguir a minha intuição. Estou certa que a pesquisa faz toda a diferença.



"Essa ressonância espiritual, essa necessidade interior, constituem o princípio básico de todo o trabalho criador. O pintor deve procurar, antes de mais nada, entrar em contato eficaz com a alma humana, única garantia de profundidade cósmica da arte

(KANDINSKY, 1990).

Cada cor escolhida e cada cor dispensada; nos movimentos bem planejados do pincel e em toda a narrativa imaginada, jamais serão suficientes para revelar a dor.

Vejo cada vez mais nas minhas primeiras pinturas, por mais que represento algo ou alguém, de alguma forma, elas fazem parte de uma experiência própria. Nelas encontro meu autorretrato.

Persegui, por muito tempo, as *cores quentes* como minhas preferidas, e busco na cor a expressão do conflito acentuado pelas emoções. O excesso de cores, o contraste e a mistura delas, a textura espessa, somadas às formas do corpo, retomam um lado meu de ser, conflituoso e ao mesmo tempo alegre. Nesse momento minhas telas definem meu desejo compulsivo pela cor, expressando exatamente: uma inquietação, um mistério, um conflito, um incômodo.



Abneia Esteves

Fig.20. Autorretrato. Grafite s/ Papel (2014)

Vejo nas minhas pinturas, várias pinceladas, carregadas de cores, à procura de um tom que caiba em um determinado sentimento. Uma pincelada rápida, angustiada, leva na cerda uma cor de tinta vibrante de uma mente inquieta. Essas pinceladas corajosas constroem e, ao mesmo tempo, destroem os objetos elaborados.

Palavras do momento de criação: Interioridade, Entranas.



Abneia Esteves

Fig. 21. Esboço, Aquarela (2016)

Ainda em um processo que vai do excesso ao simples, percebo em minha pintura uma renúncia particular estabelecida por meio da relação entre a arte e a vida cotidiana. No meu cotidiano a simplicidade é significativa, e criar o mesmo na pintura é estabelecer a ausência da complicações, subtraindo o excesso e acrescentando o significativo.

À procura daquilo que é essencial, encontro a espiritualidade, onde o

elemento figurativo e a variedade de cores são substituídos pela abstração simplificada, podendo assim dizer *pobres*. Refiro-me à pobreza, quando me torno humilde e reconheço a minha dependência total pelo lado espiritual nessa nova forma de pintar.

Para que isso aconteça em cada nova pintura, é preciso nada, aquietar o meu corpo e a minha mente; silenciar a mim mesma para ouvir O Bem Maior que se encontra no interior íntimo meu.

Às vezes as minhas pinturas são como imagens *desconhecidas*, assim disseram-me alguns colegas. Eles não tinham visto algo semelhante e disseram que as imagens não eram comuns.

Palavras do momento de criação:
Pobreza/Síntese.

Essas imagens têm um valor enorme para mim, porque é por meio delas que encontro Deus que a tudo organiza e dá sentido, e é por meio de Deus que eu as reproduzo. O valor está em que eu conheça a mim mesma e ao outro.

Algumas pessoas, mesmo não identificando minhas imagens na pintura, percebiam alguma sensação pessoal. Quando me contavam o que sentiam, me alegrava em perceber que existia alguma relação com o objetivo da representação. Aconteceu um fato surpreendente: uma mulher, ao ver uma das pinturas, ficou muito surpresa e emocionada e disse que desde pequena tinha sempre a visão daquela pintura e não sabia o que queria dizer, mas o que diferia eram as cores, embora a imagem fosse a mesma. Queria de toda forma que eu explicasse a ela o significado.

É importante ressaltar que só posso passar para o ítem seguinte, COR, porque já passei pelo item anterior, CORPO. Trabalhar o corpo e toda a composição na pintura, me levaram à descoberta da cor, pelas emoções e no dia-a-dia na pintura, o conhecimento se faz de experiências na percepção e na imaginação. Gradativamente, soube desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade de um corpo como um todo.

Só existe vida de fato no presente se vivi intensamente o passado. A possibilidade de amadurecer na pintura é possível à medida que faço uma ligação com minha subjetividade. O artista aprende e apreende com a prática incansável do lidar com as tintas e com o conhecimento de si mesmo

9. O professor e curador Rodrigo Vivas graduou-se em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em 1999. Realizou seu mestrado em História da Cultura na Universidade Federal de Minas Gerais em 2001.

10. A Igreja São Francisco de Assis da Pampulha, em Belo Horizonte, Minas Gerais, foi inaugurada em 1943. O projeto arquitetônico da igreja é de Oscar Niemeyer e o cálculo estrutural do engenheiro Joaquim Cardozo.

11. Santo Agostinho foi um dos mais importantes teólogos e filósofos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental.

Palavra do momento de criação: Espiritualidade.

Meu professor Rodrigo Vivas⁰⁹, sabendo do meu trabalho, indicou-me que fizesse uma visita ao interior da Capela São Francisco de Assis¹⁰, a conhecida *Igrejinha da Pampulha*.



Oscar Niemeyer

Fig. 22. Igreja São Francisco de Assis (1943)

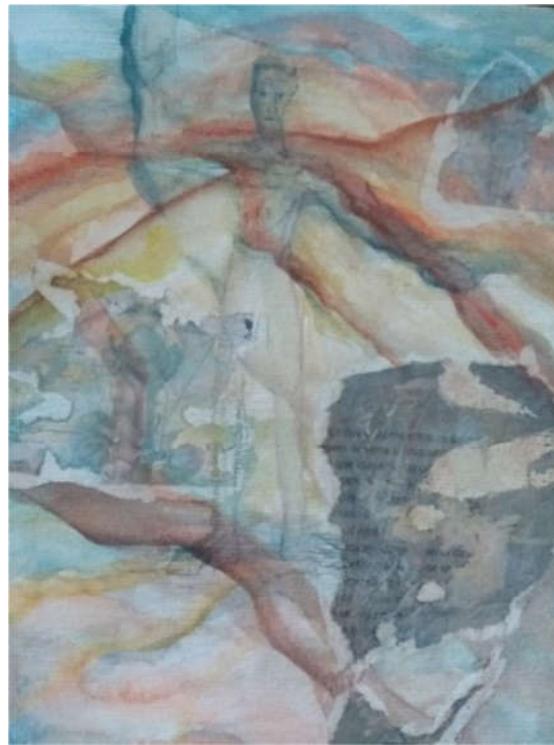
Segundo Agostinho¹¹, “O homem é uma alma que se serve de um corpo”. Ele defende a alma humana, isto é, a supremacia do espírito sobre o corpo, a matéria.

Estranhei aquele pedido. Qual ligação poderia existir entre o meu trabalho e o interior da Igreja São Francisco de Assis?

Fiquei interessada. São Francisco é o meu santo preferido, ele buscou a pobreza e a simplicidade durante a sua vida missionária.

Depois, pensei que seria pela pintura de Portinari, mas o que afinal deveria ser?

Na Fig. 21. Quis abordar a confiança, a força expressiva das linhas, a redução das formas e o valor simbólico da cor.



Abneia Esteves

Fig. 23. Esboço Aquarela (2016)

Palavras do momento de criação: Fé, encontro consigo mesma e com o outro

A Igreja é um lugar diferente. O ambiente de calma em seu interior me fez *parar*, não somente meu corpo, mas principalmente minha mente.

As pinturas de Cândido Portinari são agradáveis. A Igrejinha permite que estejamos com o nosso interior mais íntimo, proporcionando um sentimento de esvaziamento, como se nada mais tivesse importância, somente o momento presente.

Pensava na curva dos corpos que havia pintado anteriormente, no corpo desconstruído, no planeta Terra e no portal arredondado no interior da Igreja. É uma surpresa quando percebo essa semelhança. Esse formato arredondado transparece um sentido maternal, o redondo remete também ao útero.

Quando estava na Igreja, percebi como o ambiente nela é acolhedor.

Sabe por quê? É o silêncio. Silêncio é algo que incomoda muita gente. Você já teve oportunidade de ouvir o silêncio de uma Igreja? É um som. Parece-me um som misterioso e até mesmo relaxante. O cheiro é de rosas. Vejo os bancos da Igreja e imagino tantas histórias, tantos sonhos, tantas súplicas, tantas vidas.

Uma intimidade tão intrínseca quando meditamos que não sabemos mais quem somos nós, se somos nós mesmos ou somos o vazio preenchido por algo maior. O que seria da Igreja sem a fé?

Palavras do momento de criação: Meditar, forma arredondada, círculo.

Conforme Wassily Kandinsk¹¹, agora entendo que a busca pelo rumo espiritual que tanto procuro exigia o desaparecimento do objeto no meu trabalho, como se isso correspondesse a uma necessidade interior. O corpo humano não é mais necessário na composição da pintura, ele passa a ser substituído pela síntese da forma e da cor.



Abneia Esteves

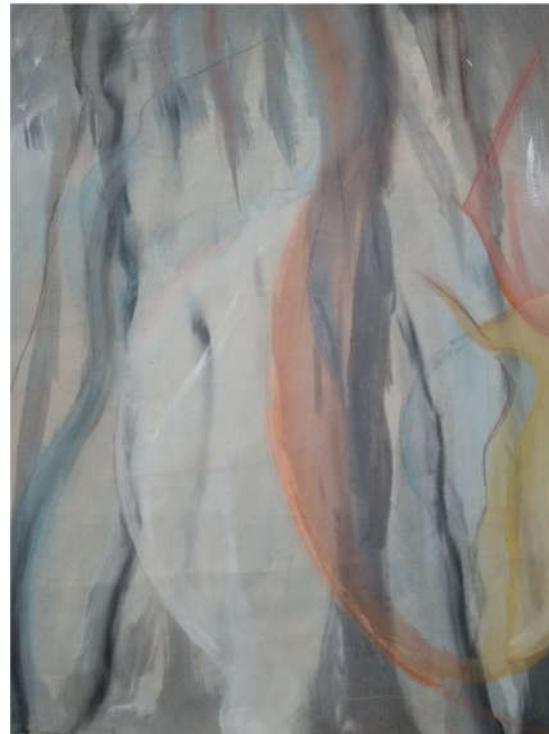
Fig.24. Pesquisa. Impressão (2017)

12. Wassily Kandinsky foi um artista plástico russo, professor da Bauhaus e introdutor da abstração no campo das artes visuais. O livro 'Do espiritual na arte' é uma suma das ideias estéticas de Kandinsky. O ponto de partida de sua concepção artística é a visão profética da vida espiritual da humanidade.

Tive a oportunidade de participar de uma atividade aplicada pela professora Christiana Quady, em que tivemos que vivenciar a prática de uma pintura que não é nossa. Deveríamos praticar as experiências que os colegas tinham na pintura. A experiência me surpreendeu a ponto de causar em mim percepções que ainda não tinha tido em meus estudos...

Minha imaginação fluiu de uma maneira diferente de antes, houve a simplificação da forma e a relação da cor se tornou leve, porém suficiente. A imaginação se realiza num momento de meditação e surge de uma realidade vivenciada.

Pretendo que os espaços vazios nas minhas pinturas compreendam a realidade de três dimensões: o princípio do corpo, da alma e do espírito. Uma realidade material e espiritual, que juntas devem interagir em sintonia. Esse *vazio* nos espaços, materializado pela cor, pode cegar a nossa atenção e sensibilidade. E permite a presença da luz refletida em estado de vazio espiritual. Esse vazio da pintura, penso que pode ser comparado a uma pausa na música e na alma, um espaço de silêncio absoluto.



Abneia Esteves

Fig.23. Têmpera Vinílica (2018)

Palavras do momento de criação:
Essência, Espaço Vazio

A dor desperta no homem sua mais profunda essência. E em meus momentos com a pintura, ela me conduz na escolha da relação necessária entre forma e cor, como o corpo e alma. Essa relação levou-me ao resultado que a forma exerce sobre a cor e alma exerce sobre o corpo, mostrando seu próprio som espiritual. “(...) A forma, mesmo quando abstrata e geométrica, possui o seu próprio som interior; ela é um ser espiritual, dotado de qualidades idênticas a essa forma. Um triângulo (agudo, obtuso ou isósceles) é um ser. Emaná um perfume espiritual que lhe é próprio. Associado a outras formas, este perfume diferencia-se, enriquece-se de nuances, como um som das suas harmonias mas no fundo permanece inalterável. Tal como o perfume da rosa que nunca se poderá confundir com o da violeta. É assim que vemos claramente a interação entre a forma e a cor.

Um triângulo totalmente preenchido a amarelo, um círculo a azul. As cores agudas têm uma maior ressonância qualitativa nas formas pontiagudas. As cores que se podem classificar de profundas são reforçadas nas formas redondas (o azul num círculo, por exemplo). É evidente que a dissonância entre a forma e a cor não pode ser considerada uma desarmonia. Pelo contrário, pode representar uma possibilidade nova e, portanto, uma causa de harmonia.” (KANDINSKY, 1990).



Wassily Kandinsk
Fig.24 .Transverse Line (1923)

IMATERIAL

“No mais íntimo do meu íntimo está
Deus”
“Interior íntimo meo”, “mais dentro de
mim que eu mesmo”

(AGOSTINHO, 1984).

É através da qualidade de *pobreza* e de *silêncio* que se produz um sentimento de tranquilidade. Logo, serve de ponte para a espiritualidade.

Entendo que quanto maior a profundidade interior alcançada através da oração ou meditação, maior é o esvaziar de mim mesma.

Corpo e alma silenciam dando espaço ao Espírito. É nisso que consiste a pobreza espiritual a que me refiro anteriormente.

A profundidade interior é alcançada constantemente quando provoca em nós a decisão de ser melhores e de ser livres para atingirmos o que verdadeiramente somos e acreditamos.

Palavras do momento de criação: Pobreza espiritual



Abneia Esteves

Fig.25. Pesquisa xilogravura (2015)

13. Tadao Ando nasceu em Osaka, no Japão em 1941. Aprende de forma autodidata os princípios da arquitetura (1962-9), junto a viagens à Europa, EUA e África (1962-9).

14. A Igreja da Luz, Ibaraki – Osaka Japão (1989), projetado pelo arquiteto japonês Tadao Ando, é um edifício que combina o poder de um espaço simbólico de luz, fundindo-os em um só.



Tadao Ando

Fig.26. Igreja da Luz Ibaraki, Japão (1989).

Para a grande parte dos meus colegas, poder pintar conversando era o habitual. Eu precisava do silêncio naqueles momentos.

Falar da qualidade do silêncio e fazer referência ao arquiteto Tadao Ando¹³ com suas arquiteturas magníficas me remete a um documentário que mostra a sua obra da Igreja da Luz¹⁴, e como ele pensou na criação do espaço e da luz. E quando perguntaram a ele qual o elemento mais consistente em sua obra, ele respondeu sem pestanejar: a luz.

Ambientes como a Igreja da Luz, como a Igreja de São Francisco de Assis e outros, propiciam a interseção da Luz com o silêncio, capaz de fazer ver a verdade sobre mim e sobre as coisas, com os olhos interiores do coração.

Palavras do momento de criação: Luz natural, luz

Como materializar algo tão imaterial?
Logo após minha experiência na capela, as pinturas seguintes aumentaram de tamanho, devido à sensação de espacialidade que eu queria demonstrar, queria falar através do gesto que faço ao pintar. É uma particularidade do momento.

Quando imaginava pintar algo *imaterial*, senti que deveria substituir a tinta a óleo pela têmpera vinílica. Acreditava que a aguada e uma pequena variedade de cores poderia sinalizar a simplificação que desejava, ou seja, a síntese. O menos substituindo o mais.

Consequentemente, as cores se tornam mais frias, e surgem várias camadas de aguada e, posso assim dizer, uma pintura *contemplativa*.

Voltando a experiência feita na aula de pintura com a professora Christiana Quady, pude perceber a importância dos tons de cinzas, as aguadas com os tons de cinza preencheram a minha pintura. O cinza, misturado com as cores parece amenizar os tons salientes e ao mesmo tempo junto aos tons claros parece equilibrar as cores e ressaltar a luz. Espero que entendam esse parágrafo, como algo particular, apenas uma experiência e que não tive essa comprovação. Mas gosto de trabalhar com os tons de cinzas nas minhas experimentações.



Abneia Esteves

Fig.27. Esboço. Tipografia (2018)

As imagens que me foram reveladas durante o momento de meditação, levaram-me a fazer anotações do possível significado de cada uma delas através de palavras ou frases. Não tenho

a pretensão de que o espectador as defina, o intuito era apenas fazer o registro. Mas a princípio não sabia como fazer esse registro na pintura. Depois de fazer várias pesquisas, inclusive na Fig.25, começo a escrever com tinta na pintura. Mas não tive muito sucesso. Foi quando reparei em um código de barras as linhas onde eu poderia escrever. Como acho interessante o símbolo do código de barras com seus números, fiz exatamente o que precisava, ampliei o código de barras, coleei-o na pintura e pude escrever o que queria. Agora esse código tem feito parte da minha pintura.



Palavras do momento de criação: Escrita, Inovação

Penso na *possibilidade* de que o olho humano sinta a cor, e desejava realizar um trabalho que provocasse uma ação direta na alma. Portanto, *há cores que parecem rugosas e ferem a vista. Outras, pelo contrário, nos dão a impressão de serem lisas e aveludadas.* Percebi que essa sensação que produz a diferença no tom das cores, entre tons quentes e os tons frios, fazem parte de minha pesquisa. Quanto o formato da minha pintura aumenta, eu me desdobre para alcançar toda a sua dimensão. Às vezes, subo no banquinho e pareço estar dançando num sobe e desce. Enquanto a tinta aguada escorre, estendo todo o meu braço na tentativa de controlá-la. Por um momento penso, o fôlego parece ser um só, por ser tão grande a ansiedade de querer cumprir o desejado. A pintura estava tão forte na minha imaginação, que queria logo dar por finalizada como tarefa cumprida.



Abneia Esteves

Fig28.. Têmpera Vinílica (2017)

No início, pintava um corpo de dança; agora meu corpo passa a pintar dançando. Quando percebi essa proeza, achei muito interessante e quis fazer da dança uma intérprete da pintura.

A Fig. 25 é uma demonstração das minhas experimentações da escrita na pintura.

Palavras do momento de criação: Inquietação, Íntimo



Philippe de Champaigne¹⁵

Fig.29. Augustin, Óleo s/ tela (1650) 78x 62 cm.

15. Philippe de Champaigne, pintor francês de origem flamenga. Estudou em Bruxelas, sua cidade natal, mas em 1621 se mudou para Paris. Era o mais famoso e brilhante retratista da França do século XVII, a serviço de Luís XVIII e Maria de Médici.

Quanto às cores frias, cores quentes e a síntese da forma, encontro um amadurecimento no meu trabalho. Nesse processo, espero alcançar esse objetivo. Ao fazer tal escolha, surpreendo-me por ser uma pintura mais difícil, tanto pela síntese quanto pela escolha reduzida de variedade de cores. Também quanto à forma delimitada e precisa. Olho para trás e percebo uma inquietação durante todo o processo. No momento busco enaltecer o *corpo*, explorar a *alma* e aprofundar no que mais procuro, o *meu interior mais íntimo*.

Se Eu Quiser Falar Com Deus (Intérprete Elis Regina)

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus
Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração
Se eu...

CONCLUSÃO

Quando a dor atinge um ser humano e os seus apoios ameaçam desabar, o homem afasta o seu olhar das imprevisibilidades exteriores e transporta-o para dentro de si mesmo.

Ao trilhar este novo caminho, procuro me manter o mais próxima possível das experiências vividas, esforçando-me para ver a essência de dentro,vê-la como criadora deste acontecimento e não apenas como um sujeito que dela se distancia.

Entretanto, utilizando-se do livre-arbítrio, alguns costumam inverter essa relação, fazendo o corpo assumir o governo da alma, provocando assim a submissão do espírito à matéria, deixando a essência à aparência.

Encontrei no imaterial uma manifestação de uma dimensão espiritual, em que necessito absolutamente da sensibilidade do corpo, existente não apenas na sua materialidade, mas para um conhecimento da realidade espiritual. Percebo no meu processo, corpo e alma, uma representação tanto do mundo exterior quanto do interior da *Vida*. Gradativamente, a minha pesquisa me orientou à realidade invisível, espiritual, prendendo-me às determinações da subjetividade.

Reaprender a ver o mundo é fundamental também para criar, para apreender o novo, seja nas Artes Visuais e em todas as artes, nesse mundo acelerado pelas urgências tecnológicas, um mundo que não nos afeta, não nos toca, é urgente que consigamos saltar da descredibilidade, da apatia e da anestesia que nos paralisam para o movimento da experiência. O desafio é desconstruir, criar para si uma presença intensiva e um olhar que vê e, com eles, criar outros mundos em tempos e espaços improváveis.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO S. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante; Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulus, 1984.

ARTNET. Georg Baselitz. 2019. Disponível em: <<http://www.artnet.com/artists/georg-baselitz>>. Acesso em 17 mai. 2019.

BOGÉA, I. *Oito ou Nove Ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

KANDINSKY, W. *Do Espiritual na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KOLLWISTZ, K. *Prints and Drawings of Kathe Kollwitz*. Dover Publications, 1969.

MARQUILHA, M. B. *Exposições Atuais: Lucien Freud*. 2012. Disponível em: <<https://www.artecapital.net/exposicao-356-lucian-freud-portraits>> Acesso em 29 mai 2019.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. *O Corpo Fala: A linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

Tadao Ando, Do Vazio ao Infinito. Mathias Frick. Alemanha: MAGNETFILMS, 2013. 1 vídeo (51 min). Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x3b5wuf>. Acesso em 30 mai. 2019.